

Uso de nosódios na prática clínica: resultados de uma enquete

Saurav Arora¹; Bharti Arora²

Resumo

Os nosódios são preparações homeopáticas de materiais orgânicos derivados de produtos inativos de doenças, culturas de microrganismos (bactérias, vírus e fungos, por exemplo) ou parasitas, material infectado ou com alterações patológicas ou produtos de decomposição animal ou humana feitos seguros através do procedimento farmacotécnico homeopático. Os nosódios têm papel importante na prática clínica. São frequentemente indicados como medicamentos usuais, intercorrentes, antimiasmáticos, agudos, etc., de acordo com a percepção individual de cada profissional. Assim, há variações no uso clínico desses medicamentos, que pode estar influenciado pelo conhecimento, experiência, proficiência e noções preconcebidas dos profissionais. A presente pesquisa objetivou investigar o uso real dos nosódios na prática clínica homeopática.

Palavras-chave

Homeopatia; Nosódios; Prática clínica; Enquete

¹ Médico, consultor e investigador em homeopatia; fundador de Iniciativa para a Promoção da Pesquisa em Homeopatia;
² Médica homeopata e consultora, Nova Delhi, Índia ✉ info@researchinhomeopathy.org

Introdução

Os nosódios são preparações homeopáticas de materiais orgânicos derivados de produtos inativos de doenças, culturas de microrganismos (bactérias, vírus e fungos, por exemplo) ou parasitas, material infectado ou com alterações patológicas ou produtos de decomposição animal ou humana feitos seguros através do procedimento farmacotécnico homeopático [1.2]. O prefixo grego “*noso*” significa doença, o que aponta para a raiz patológica dos nosódios. Esse termo também está ligado à palavra latina “*noxa*”, que denota algo nocivo ou prejudicial, indicando o uso de materiais nocivos como a base de medicamentos homeopáticos.

Os nosódios vêm sendo utilizados desde os primeiros experimentos realizados por Constantin Hering, durante sua estada na América do Sul entre 1827 e 1833. Embora explorados e experimentados esporadicamente por muitos, têm sido frequentemente sujeitos a análise para demonstrar a sua segurança e eficácia, devido à natureza da substância original. A literatura homeopática lista aproximadamente 150 nosódios, dos quais só muitos poucos foram incluídos em farmacopeias oficiais.

Os nosódios têm papel fundamental na prática clínica homeopática. São frequentemente prescritos como medicamentos usuais, intercorrentes, antimiasmáticos, agudos, etc., de acordo com a percepção individual de cada profissional. Assim, há variações no uso clínico desses medicamentos, que pode ser influenciado pelo conhecimento, experiência, proficiência e noções preconcebidas de cada profissional. Por exemplo, poucos defendem o uso de nosódios em diluições por baixo da 30cH ou repetições frequentes, por temor de agravações indevidas. Outros consideram os nosódios como medicamentos intercorrentes ou antimiasmáticos exclusivamente. Tais crenças estão fortemente embasadas na experiência pessoal e variam de profissional para profissional. Há poucas informações sobre este tema. Assim, o objetivo do presente trabalho foi pesquisar o uso real dos nosódios na prática clínica homeopática.

Materiais e métodos

Foi elaborado um questionário *ad hoc* com base numa revisão da literatura. A versão final do questionário constou de 13 perguntas de escolha múltipla e duas questões abertas (Tabela 1). Cinco perguntas adicionais foram acrescentadas para coletar dados sociodemográficos (idade, sexo, profissão, nível de educação e país de residência).

O questionário foi distribuído entre profissionais homeopatas através de listas de e-mail e, igualmente, colocado num website de janeiro de 2012 a dezembro de 2013. A técnica de amostragem simples foi utilizada, sendo a comumente recomendada para este tipo de pesquisas [3]. Foi anexada uma carta de apresentação com explicações sobre a justificativa e objetivos do estudo, incluindo a confidencialidade dos dados. Os questionários foram respondidos anonimamente.

Resultados

O questionário foi respondido por 204 sujeitos. Três questionários duplicados foram excluídos; as respostas foram codificadas para facilitar a avaliação. No total, 201 questionários foram analisados.

A população do estudo esteve composta de 105 sujeitos de sexo feminino (52,24%) e 96 do sexo do masculino (47,76%). Quanto à idade, a maior proporção correspondeu à faixa de 50-60 anos (n= 75; 37,31%) seguida pela faixa 30-40 anos (n= 49; 24,38%), 40-50 anos (n= 45; 22,39%) e 20-30 anos (n= 28; 13,9%); só 4 participantes tinham mais de 60 anos de idade (1,99%). Cerca de 57,7% (n= 116) dos participantes tinham ensino superior completo e 42,29% (n= 85) cursos de pós-graduação. A maior proporção foi de clínicos (n= 139; 69,15%) seguidos por clínicos e pesquisadores (28,86%; n= 58) e pesquisadores (n= 4; 1,99%).

A maioria dos participantes era residente da Índia (n= 106), 30 dos Estados Unidos, 12 do Canadá, 11 do Reino Unido, 6 da Finlândia, 5 do Paquistão, 4 dos Países Baixos, 3 da Austrália, 3 da França, 3 da Nova Zelândia e 3 da Turquia; e 1 único participante de vários países (Áustria, Bangladesh, Brasil, Croácia, República Tcheca, Irlanda, Israel, Itália, México, Nepal, Noruega, Rússia, África do Sul e Tailândia).

As respostas ao questionário estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1. Respostas ao questionário

Perguntas	n (%)
1, Você conhece a história dos nosódios?	Sim 167 (83,08) Não 34 (16,92)
2, Você sabe de quais substâncias se preparam os nosódios?	Sim 198 (98,51) Não 3 (1,49)
3, Com qual frequência você prescreve nosódios em sua prática do dia a dia?	Em todas as prescrições 5 (2,49) Geralmente em casos agudos 3 (1,49) Geralmente em casos crônicos 156 (77,61) Raramente 37 (18,41)
4, Quais são as diluições que você usa comumente em sua prática?	Qualquer uma 31 (15,42) ≤ 30c 15 (7,46) 200, 1M 140 (69,65) 10M, CM 8 (3,98) LM 7 (3,48)
5, Quão qual frequência você prescreve os nosódios?	Só em dose única 130 (64,68) Em doses repetidas 71 (35,32)
5b, Se os repete, com qual frequência?	Diariamente (1, 2, 3 mais vezes por dia) 23 (11,44) Semanalmente 21 (10,45) Mensalmente 21 (10,45) Em dose única e repetições quando necessário 136 (67,66)
6, Você prescreve nosódios como	Medicamento constitucional (totalidade dos sintomas) 28 (13,93)

	Medicamento agudo	1 (0,50)
	Medicamento intercorrente (quando o caso parece estacionário ou para de melhorar)	18 (8,96)
	Antimiasmático (com base na história familiar e pregressa)	13 (6,47)
	De acordo com o caso (qualquer uma das anteriores)	144 (71,64)
7, Qual você considera ser a forma farmacêutica mais adequada para a prescrição de nosódios?		
	Lactose	49 (24,38)
	Glóbulos	88 (43,78)
	Em água	46 (22,89)
	Diretamente na língua	21 (10,45)
8, Você já registrou agravação de sintomas depois do uso de nosódios?		
	Sim, agravação muito intensa	8 (3,98)
	Sim, agravação ocasional seguida de melhora	127 (63,18)
	Absolutamente não	69 (34,33)
9, Caso afirmativo, por favor, avalie a intensidade da agravação de 1 a 5		
	1- Mínima	36 (17,91)
	2- Moderada	91 (45,27)
	4- Moderada a severa	8 (3,98)
	5- Severa	4 (1,99)
	Não respondeu	62 (30,85)
10, Você concorda com a prescrição de nosódios em doses repetidas?		
	Sim, não induz complicações	30 (14,93)
	Não, não deve ser feita	45 (22,39)
	Possivelmente, quando necessário	126 (62,69)
11, Segundo a sua experiência, para qual faixa etária estão melhor adaptados?		
	Bebês	1 (0,50)
	Pacientes pediátricos	9 (4,48)
	Jovens e adultos	11 (5,47)
	Idosos	1 (0,50)
	Qualquer uma, dependendo dos sintomas	179 (89,05)
12, Quantos nosódios você usa comumente?		
	< 5	62 (30,85)
	5 – 10	92 (45,77)
	10 – 15	24 (11,94)
	> 15	23 (11,44)
13, Você já teve dificuldade para obter nosódios em farmácias?		
	Não	136 (67,66)
	Sim	65 (32,34)

Discussão

As enquetes podem ser utilizadas de várias maneiras, no entanto, via de regra implicam na seleção de uma amostra a partir de uma população definida, referente à qual são coletados dados [4]. Embora sejam comumente utilizadas em pesquisas e serviços de saúde, convém observar que representam uma estratégia de pesquisa, mais do que um método [5].

Historicamente, os nosódios têm sido utilizados com base em critérios diversos, mormente o julgamento de cada profissional individual. O presente trabalho foi desenhado para fornecer uma imagem “instantânea” das ideias dos profissionais homeopatas sobre os nosódios e o uso que fazem deles. Os resultados corroboram a grande variabilidade mencionada antes.

Por exemplo, 69% dos participantes afirmou que prescrevem os nosódios nas diluições 200c ou 1,000c, enquanto que 15% os utiliza em qualquer escala e diluição. Cerca de 64% dos

participantes utiliza os nosódios em dose única versus 36% que os prescrevem em doses repetidas. Em relação a este último subgrupo, 12% os prescrevem em doses diárias, 10% uma vez por semana e 10% uma vez por mês; o 67% restante os prescreve em dose única, repetindo-os quando necessário. Aproximadamente 22% dos participantes considera que as repetições de nosódios não se associam com eventos adversos, enquanto que 15% acreditam que não devem ser repetidos muito frequentemente; a maioria (63%) considera que podem ser repetidos quando necessário.

Contrariamente ao que se acredita habitualmente, 71% dos participantes pensa que os nosódios podem ser utilizados como medicamentos usuais, sendo que 28% os prescreve de modo individualizado (remédio de fundo) e só 6% como antimiasmáticos. Além disso, 9% dos participantes afirmaram que os utilizam como medicamentos intercorrentes (ou seja, quando o caso parece estacionário ou para de melhorar).

A variabilidade também inclui a forma farmacêutica: 44% dos participantes prescrevem os nosódios em glóbulos, 24% em lactose, 23% em doses aquosas e 11% diretamente na língua. Cerca de 64% observaram ocasionalmente agravação dos sintomas depois do uso de um nosódio, enquanto que 35% jamais constataram agravações; agravações muito intensas foram relatadas por só 4% da amostra. De modo interessante, quando inquiridos acerca da intensidade da agravação homeopática, 62 participantes não responderam; dentre os restantes, a intensidade da agravação foi relatada como moderada pro 45%, leve por 18%, moderada a severa por 4% e severa por 2% só.

O único item que mostrou pouca variabilidade foi a adequação dos nosódios por faixa etária, pois 89% dos participantes consideraram que esta variável não é um fator limitante. De modo similar, os nosódios são fáceis de se obter para dois terços dos participantes, enquanto 32% relataram alguma dificuldade.

Conclusão

Os nosódios são utilizados muito comumente na prática clínica, porém, com base em crenças derivadas da experiência pessoal ou noções preconcebidas, como, por exemplo, as relacionadas como repetições frequentes, uso na escala decimal, etc. O presente trabalho demonstra que os nosódios são utilizados em doses repetidas sem por isso induzir agravação. Os sujeitos analisados consideram que o uso de nosódios em baixas diluições não acarreta qualquer prejuízo, que podem ser utilizados como medicamentos usuais e que são clinicamente seguros. No entanto, dado o tamanho pequeno da amostra analisada, os resultados não podem ser generalizados para populações maiores. Este tipo de estudo, baseado num enquete, pode ser realizado com amostras maiores com o fim de identificar a situação real do uso dos nosódios e nos ajudar a superar o seu uso enviesado na prática clínica.

Agradecimentos

Agradecemos ao Dr. R. Valavan, gerente da Divisão Científica da companhia Willmar Schwabe, Índia, e ao Dr. Rahul Tewari, médico homeopata, Noida, por seu apoio e colaboração na realização da pesquisa. Também estamos gratos aos participantes no presente estudo.

Conflito de interesses: Nenhum.

Financiamento: O estudo não foi financiado por qualquer agência ou organização.

Referências

1. European Coalition on Homeopathic and Anthroposophic Medicinal Products (ECHAMP). Nosodes in homeopathy: position paper – updated version Spring 2006. Available at: www.echamp.eu/fileadmin/user_upload/Positions/Nosodes_in_Homeopathy.pdf acessado em 31 de março de 2014.
2. Government of India. Homoeopathic Pharmacopoeia of India. New Delhi: Govt. of India Controller of Publications; 2007.
3. Bowling A. Research methods in health: investigating health and health services. Buckingham: Open University Press; 2002.
4. Denscombe M. The good research guide: for small-scale social research projects. Buckingham: Open University Press; 1998.
5. Kelley K, Clark B, Brown V, Sitzia J. Good practice in the conduct and reporting of survey research. *Int J Qual Health Care* 2003;15(3): 261-266.